





FORMARE: CONSTRUÇÃO DE PROJETOS DE VIDA

FORMARE: BUILDING LIFE PROJECTS

José Edson da Silva*

*Mestrando em Desenvolvimento Humano pela Universidade de Taubaté, Pós-graduado (*lato sensu*) em Gestão de Produção pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp). Graduado em Tecnologia Mecânica pelas Faculdades Integradas de Cruzeiro. Técnico em Mecânica pela Unesp. Atua há 25 anos na Indústria, em empresas do Vale do Paraíba. Pesquisa os seguintes temas: escolha da profissão na adolescência; orientação profissional; democracia no Brasil.

E-mail:
josedson853@gmail.com

Recebido para publicação em:
30.6.2016

Aprovado em: 15.8.2016

Resumo

Este estudo apresenta um projeto social idealizado e conduzido por uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), cuja finalidade é promover cursos de formação básica para jovens em condição socioeconômica vulnerável, para, com isso, promover a integração entre empresa e comunidade. Por meio da construção de projetos de vida, nos quais os jovens são estimulados a aprender não só a fazer uma escolha profissional, mas também aprender como fazer escolhas por toda a vida, os elementos estruturais são a Orientação Profissional e a perspectiva da Análise Institucional.

Palavras-chave: Projeto de vida. Formare. Orientação Profissional. Análise Institucional.

Abstract

This study presents a social project created and conducted by an OSCIP (*Organização da Sociedade Civil de Interesse Público* [Civil Organization of Public Interest]), whose purpose is to promote basic training courses for young people in vulnerable socioeconomic conditions in order to promote integration between businesses and the community. Through the construction of life projects, young people are encouraged to learn not only to make a career choice but also to learn how to make life choices. The structural elements consist of Professional Guidance and Institutional Analysis.

Keywords: Life project. Formare. Professional Guidance. Institutional Analysis.

Resumen

Este estudio presenta un proyecto social idealizado y conducido por una Organización de Sociedad Civil de Interés Público (OSCIP), cuya finalidad es promover cursos de formación básica para jóvenes en condición socioeconómica vulnerable, y con ello, promover la integración entre empresa y comunidad. Mediante la construcción de proyectos de vida, en los cuales los jóvenes son estimulados a aprender no solo a hacer una elección profesional, sino también aprender cómo hacer elecciones durante toda la vida, los elementos estructurales son la Orientación Profesional y la perspectiva del Análisis Institucional.

Palabras clave: Proyecto de vida. Formare. Orientación Profesional. Análisis Institucional.

Introdução

Uma iniciativa de cunho social, seja ela de que tamanho for, invariavelmente traz resultados de suma importância, pois o Estado não dá conta de todas as demandas da população, mesmo em países desenvolvidos. Os programas sociais que germinam em uma comunidade podem ser criados em associações de bairro, igrejas, escolas de samba, centros de convivência ou até por cidadãos com iniciativas individuais, desvinculadas de qualquer organização. Sem a parcela do trabalho desses cidadãos preocupados com a coletividade e dispostos a doar parte do seu tempo e recursos materiais para o ideal de ajuda aos outros, as carências da sociedade seriam ainda mais graves.

Este estudo mostra um projeto social gerido por uma Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), que advém da iniciativa privada e canaliza as oportunidades da atividade industrial para promover a viabilização de educação complementar para jovens de camadas populares em desvantagem social. A determinação e crença dos idealizadores do projeto Formare se propagou ao longo de sua existência e está permeada por todas as pessoas que, de alguma forma, já participaram ou participam dessa iniciativa.

Os resultados favoráveis são vistos por diversos ângulos, não somente para os jovens e suas famílias, mas também para os educadores, as empresas e a comunidade. É por isso que há uma conspiração permanente a favor do crescimento do projeto e a confiança de que as novas propostas para perpetuação do programa serão sempre bem-recebidas por todos.

Com este espírito, a Fundação lochpe está buscando olhar para as lições aprendidas em seus 20 anos de formandos, para se apropriar e fortalecer



as receitas de sucesso, além de planejar os passos para o futuro, que neste instante se constitui na construção dos projetos de vida.

Formare: um projeto social de educação¹

A Formare é uma escola que promove cursos de educação profissional de nível básico, que são elaborados pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), a qual emite os certificados, devidamente reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC). Os cursos, ministrados por educadores voluntários, são desenvolvidos sob medida para cada empresa participante, uma vez que se trata de uma parceria entre a Fundação lochpe, idealizadora e coordenadora dessa iniciativa, com empresas que apoiam o projeto. Somente na empresa lochpe Maxion S.A., no site de Cruzeiro, onde o projeto é pioneiro, já contribuíram 187 educadores voluntários em sala de aula, dos quais 115 participaram na prática profissional.

Instituída em 1989 pela lochpe-Maxion S.A., grupo empresarial que opera nos segmentos de autopeças e equipamentos ferroviários, a Fundação lochpe desenvolve programas nas áreas de educação, cultura e bem-estar social, realizando parcerias com entidades públicas e privadas. A Fundação lochpe é uma organização civil sem fins lucrativos qualificada como OSCIP e se dedica a apoiar profissionais e empresas em suas ações de investimento social.

A primeira turma da Formare, em Cruzeiro, foi concluída em 1996, portanto, a formação se encontra em sua 21ª edição. Nesse período, foram oferecidos os cursos de Assistente Eletromecânico, Mecânica Automotiva Básica, Agente de Serviços Comerciais, Mecânico de Montagem de Produtos, Mecânico de Produção e Montagem de Produtos e Mecânico de Produção e Montagem de Estampados Metálicos. Foram formados 370 alunos, dos quais 85% estão trabalhando, 52% dentro do Grupo Maxion. Da totalidade de alunos formados, 75% continuam estudando em cursos técnicos profissionalizantes, faculdades e pós-graduação.

Os pré-requisitos em vigência atualmente determinam que os jovens tenham 18 anos, encontrem-se em condição de desvantagem social (renda familiar de até meio salário mínimo por pessoa) e estejam, na rede pública, cursando o 2º ou 3º ano do ensino médio ou nela o tenham concluído. Eles devem residir na comunidade do entorno da empresa e o processo seletivo se dá por meio de prova escrita, dinâmica de grupo e visita socioeconômica com entrevista.

As turmas são compostas por 20 alunos e a carga horária varia de 600 a 800 horas, entre teoria e prática. A duração total do curso é de seis a 12 meses

e a estrutura física é em salas de aula dentro da própria empresa. Também são utilizados como campo para prática setores da empresa correlacionados ao curso. Além disso, há uma coordenação local, que é composta por uma equipe interna ou profissional dedicado. São envolvidos no projeto cerca de 50 educadores voluntários durante o programa em cada curso.

Em toda a rede, são 67 unidades, instaladas em 50 municípios brasileiros, distribuídas em 12 estados, com 46 empresas parceiras diretas, com a participação de 5.105 educadores voluntários. Com isso, foi possível a qualificação de 17.500 jovens.

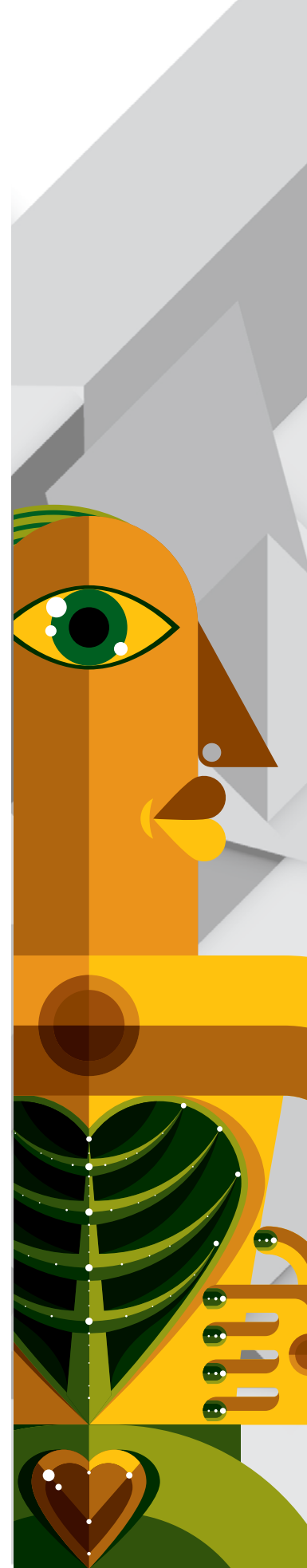
A Fundação lochpe oferece capacitação da equipe de coordenação, capacitações para educadores voluntários, *workshops* regionais anuais para coordenadores e educadores, ensino a distância (EAD) para coordenadores e educadores voluntários, além do próprio *site* Formare com áreas exclusivas para cada público envolvido.

A Formare dispõe de materiais didáticos em 165 temas, distribuídos pelas áreas de Química, Farmacêutica, Cosmética, Metalurgia, Siderurgia, Plásticos, Eletromecânica, Eletrônica, Telecom, Construção Civil, Têxtil, Papel e Celulose, Alimentícia, Sucoalcooleira, Agrícola, Hotelaria e Serviços, Logística e Portuária, Administrativa e Comercial. O programa é composto de três partes: Núcleo Comum, Núcleo Técnico e Atividade Integração.

No Núcleo Comum, são tratados conteúdos de formação geral para o mundo do trabalho. Nele, desenvolvem-se e aprimoram competências e habilidades comportamentais. Nesse módulo, são abordados temas como relacionamento e comunicação, trabalho em equipe, cidadania e solução de conflito, qualidade dos processos, matemática aplicada, raciocínio lógico e informática aplicada.

O Núcleo Técnico tem como foco conteúdos voltados para o negócio da empresa ou uma área específica de interesse ou demanda para desenvolvimento do programa. Trabalha-se com ciência e tecnologia de materiais, tecnologia e fabricação de ferramentas, desenho mecânico e de ferramentas, instrumentos de medidas e controle, gestão da produção e processos de melhoria, certificação da qualidade e meio ambiente, entre muitos outros, de acordo com cada curso.

No Núcleo Atividade Integração, há atividades que promovem integração entre os jovens, com o objetivo de desenvolver habilidades pessoais e interpessoais. São trabalhados, por exemplo, língua estrangeira, empreendedorismo e educação física.



Os jovens participantes do programa recebem preparação diferenciada para o mercado de trabalho (técnica e comportamental), com riqueza e diversidade de experiências transmitidas pelos educadores voluntários, desenvolvimento do senso de responsabilidade e comprometimento e estímulo à continuidade dos estudos. Como benefícios, o programa oferece alimentação, transporte, uniforme, assistência médica, seguro de vida em grupo, material escolar e bolsa-auxílio.

O programa não traz desenvolvimento positivo somente para os jovens; os educadores voluntários também se desenvolvem nesse sentido, por meio da retomada de sua própria formação e busca de constante atualização, da melhoria na comunicação e interação com as pessoas, do aprimoramento das competências de liderança e oratória, do reconhecimento pela empresa, comunidade e família como agente de mudança social, além do fortalecimento do vínculo com a empresa.

A empresa também ganha, estimulando o voluntariado interno e maior engajamento dos colaboradores, sendo reconhecido pelos diversos públicos como agente de transformação social e atribuindo valor à marca como empresa socialmente responsável.

Projetos de vida do jovem de classe social baixa: entre o sonho e a realidade

Na medida em que o sujeito passa pelas etapas da vida, leia-se a infância, a puberdade, a fase adulta e a velhice (sob uma perspectiva cronológica simplificada), conhecimentos são adquiridos e experiências são vivenciadas. Em meio a esse processo de acumulação, interpretação e análise, estabelece-se um ciclo de aprendizado ininterrupto e multicultural, por meio do qual a pessoa desenvolve opiniões e posicionamentos perante a sociedade nos mais diversos campos de atuação e, a partir daí, estabelece planos para si.

Nenhum plano precede as etapas de conhecer e experimentar, pois é necessário que o conjunto de todos os aprendizados possam ser, entre si, somados, confrontados, sobrepostos e até fundidos, para que de todo esse movimento nasça a vontade, que também pode ser chamada de sonho. Muitas vezes, o sonho é constituído de um conjunto de vontades. Somente depois de existir o sonho é que existirá o plano.

Entretanto, pode ocorrer do sonho não se transformar em plano, por muitas questões, e uma delas é a condição socioeconômica do sujeito. Não há limites para sonhar, mas para converter sonhos em planos há.

Embora haja compreensão de que a elaboração dos sonhos aconteça ao longo de toda a vida, o foco do presente estudo é refletir sobre o tema a partir da perspectiva do jovem, sobretudo do jovem de classe social baixa. Partindo desse pressuposto, encontra-se consonância entre pesquisadores, quando o mesmo tema é tratado pela perspectiva da orientação vocacional, porque se entende que “a posição socioeconômica da família influi diretamente no desenvolvimento vocacional do jovem no sentido de oferecer maiores ou menores possibilidades educacionais” (LEVENFUS; SOARES, 2010, p. 42).

Pode-se recorrer, ainda, a outros autores, quando afirmam que os indivíduos pertencentes às camadas populares terão muita dificuldade para pensar em futuro profissional enquanto demandas básicas não podem ser supridas (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2015).

Dessa maneira, pode-se inferir que os sonhos dos jovens nascem completos, plenos em desejos e objetivos pessoais, todavia, ao passo em que o jovem vai se defrontando com as restrições impostas por sua condição socioeconômica, os sonhos vão sendo modificados, adaptados, ajustados ao que a realidade lhes permite sonhar.

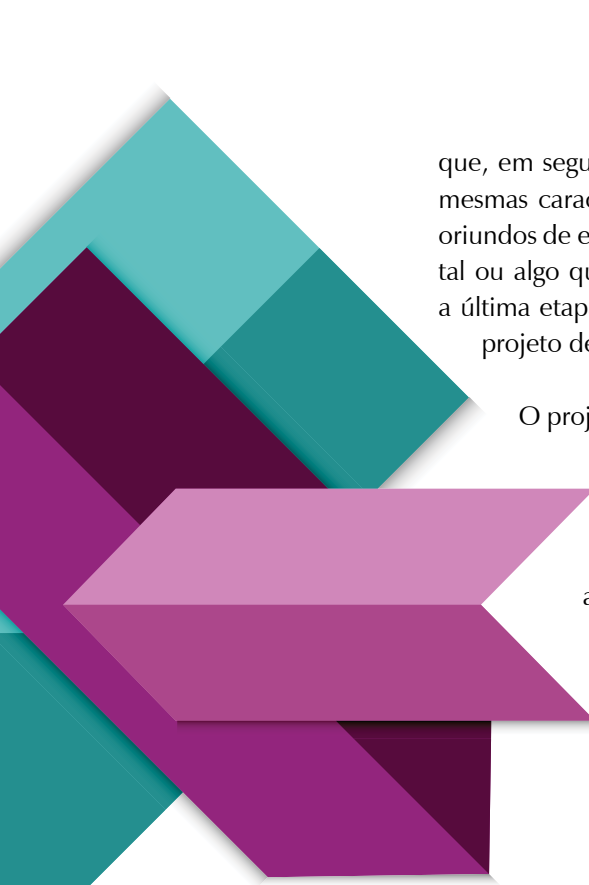
Sendo assim, pode ocorrer tamanha alteração no formato original desse sonho que o mesmo deixe de sê-lo e passe a ser nada mais que o cumprimento de um modelo imposto pela sociedade capitalista, com o qual esse jovem sequer se identifica. Nesse momento, o sujeito pode contestar a condição socialmente desigual da qual ele é refém, por conta das imposições do poder econômico, algo que pode ser traduzido por Colla e Gilson (1990) quando dizem:

[...] tanta coisa a gente faz, seguindo o caminho que o mundo traçou, seguindo a cartilha que alguém ensinou, seguindo a receita da vida normal, mas o que é vida afinal, será que é fazer o que o mestre mandou, é comer o pão que o diabo amassou, perdendo da vida o que tem de melhor? [...]

Portanto, admitidas as condicionalidades apresentadas, nas quais o jovem, a partir de sua carga sócio-histórica, elabora sonhos, que podem se transformar em planos, que, por sua vez, podem ser impedidos pelas questões socioeconômicas, sugere-se um cenário muito realista para esse perfil de classe social, mas que não é o único, haja vista a existência de casos de jovens de classe social vulnerável bem-sucedidos. Portanto, é possível constatar experiências de vida que se transformaram em sonhos,

• • • • •
Ao passo em que o jovem vai se defrontando com as restrições impostas por sua condição socioeconômica, os sonhos vão sendo modificados
 • • • • •






que, em seguida, foram convertidos em planos. Trata-se de jovens com as mesmas características socioeconômicas que já foram discutidas até aqui, oriundos de escola pública, sem o apoio de nenhum programa governamental ou algo que o valha. Em situações como essas, constata-se o que seria a última etapa do ciclo, experiência-sonho-plano, que se pode chamar de projeto de vida.

O projeto de vida, na perspectiva do presente trabalho, é aquele que traz consigo todos os elementos necessários para que o jovem se desenvolva, de fato, como pessoa que não tem suas experiências desprezadas e desperdiçadas, que vê seus sonhos como algo tangível, que consegue traçar planos a partir das experiências e dos sonhos, com objetivo definido, e consciente dos desafios dessa escolha, porém, com condições emocionais e cognitivas para enfrentá-los, pois:

Ao se trabalhar com a ideia de um projeto de vida, e não apenas com a de um curso a ser escolhido por ocasião do vestibular, oferece-se ao orientando a oportunidade de exercer um papel comprometido e responsável, tanto na construção de seu destino individual quanto no da comunidade em que se insere (LEVENFUS; SOARES, 2010, p. 67).



Embora seja incontestável que a condição socioeconômica de um adolescente exerça influência em sua trajetória de vida, em todos os aspectos, inclusive no que tange às escolhas, ainda assim é relevante discutir os fatores que levam alguns desses indivíduos a conseguirem superar essas barreiras e transformarem suas histórias, bem como do outro lado dessa linha há jovens municiados de todos os recursos teoricamente necessários para o sucesso, mas que, mesmo assim, fracassam.

Dessa forma, entende-se que as duas instâncias mais tradicionais da formação de um indivíduo, a família e a escola, devam ser estudadas. A família, inicialmente, é o reduto primeiro, é o ambiente no qual os primeiros passos são dados, as primeiras falas são ditas, os primeiros alimentos são experimentados, assim como as primeiras quedas são sentidas, e por aí se estende sem limites, portanto, mesmo que, com condições financeiras difíceis e com restrições de acesso a determinados bens de consumo, a casa, com um clima pautado pelo respeito, pela lealdade, generosidade e sinceridade, pode fazer toda a diferença na formação inicial do sujeito.

A família continua exercendo papel de destaque na formação dos adolescentes, principalmente quando o assunto é decidir sobre as escolhas, sobretudo quando se trata da escolha profissional, afinal “os jovens são unânimes em apontar os próprios pais como os que mais os influenciam” (LEVENFUS;

SOARES, 2010, p. 46). Apesar de os demais familiares também participarem, há que se chamar a atenção para o peso maior que os pais têm dentro desse processo.

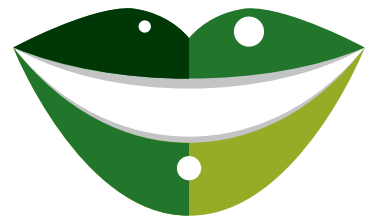
O conteúdo predominante apresentado pelos jovens quanto à influência refere-se à influência por parte dos pais. Em grande parte, é percebida pelo jovem como uma influência ativa, na qual os pais falam abertamente ou ditam suas preferências (LEVENFUS; SOARES, 2010, p. 47).

A maneira como se relacionam os membros adultos da família pode ser decisiva na percepção da criança sobre a possibilidade de ser dona das suas próprias escolhas, o que poderá conduzi-la a uma fase adolescente com mais segurança e autoconfiança. O jovem proveniente de um ambiente familiar com esse perfil provavelmente terá boas condições de desenvolver sua capacidade de tomada de decisão.

A família, ao incentivar certos comportamentos e atitudes das crianças e reprimir outras iniciativas, interfere no processo de apreensão da realidade dessas crianças, determinando em parte a formação de seus hábitos e interesses (SOARES, 2002, p. 74).

Dessa forma, pode-se inferir que uma família na qual os pais têm a capacidade de administrar os poucos recursos materiais de maneira racionalizada, permitindo que as condições básicas sejam atendidas, além disso, em que há um clima de convivência pacífica e respeitosa, proporcionará, de forma significativa, maiores chances de um desenvolvimento positivo para o adolescente. Em tempo, outros aspectos podem ser citados, tais como o ensinamento e a prática de valores éticos e de senso de justiça, a honestidade e os demais princípios que regem a vida em sociedade. A influência positiva também pode vir do envolvimento com a religião, com o esporte, com a arte e com o voluntariado. Enfim, pode-se pensar em famílias com rendas modestas, que, todavia, desfrutam de educação e estrutura emocional sólidas, o que possibilita ao jovem que detém características de persistência, foco, superação, determinação e capacidade cognitiva aguçadas não só ter sonhos ou elaborar planos, mas, de fato, construir um projeto de vida.

Entretanto, apesar de possível, a condição do jovem de classe social baixa, bem-sucedido em seus planos, não traduz a maioria dos casos. Na própria pesquisa em que esse jovem foi bem-sucedido em seu projeto de vida, também foram observadas histórias de jovens que não tiveram a mesma sorte, ou seja, adolescentes que traziam dentro de si seus sonhos, mas que estão vendo desde já os fatores restritivos começarem a modificar seus planos, logo, os seus sonhos. Portanto, nesse ponto da reflexão, identificam a ruptura na qual o plano não se concretizou como projeto de vida.





Ora, se a família não detém condições de viabilizar a construção do projeto de vida pelo jovem sozinha, a escola surge como importante instrumento que, mais que complementar, pode atuar como primordial e decisiva.

[...] a escola é chamada a dar conta da transição escola-trabalho, apesar de ainda assumir um papel passivo, apenas ocupando espaço na mudança de ciclos formativos, principalmente ensino médio-universidade, focando o vestibular e os processos seletivos (LEVENFUS; SOARES, 2010, p. 34).

No entanto, é isso que se vê: uma escola que é enxergada e cobrada para não somente alfabetizar e participar do processo educativo, mas também para resolver problemas de ordem comportamental, psicológica, social e, por que não, alimentar.

Não raro, é possível ouvir ou ler menções de cobrança sobre a escola, a fim de exigir que as crianças e adolescentes sejam por ela educados, quando, na verdade, compreende-se que a educação é um ambiente maior, dentro do qual a escola é uma parcela importante, mas não única. Porém, existem muitas famílias que simplesmente não dispõem de condições mínimas para proporcionar educação aos filhos, então a escola termina por ser a tábua de salvação.



A escola seria a última alternativa dentro de uma comunidade empobrecida, onde as meninas engravidam cedo e os meninos são expostos a situações de violência, inclusive com alguns participando do tráfico e das ações de roubo. A função que resta à escola seria, segundo os professores, resgatar uma suposta autoestima ocupando o papel de cuidadora (LEVENFUS; SOARES, 2010, p. 35).

Talvez seja esse o contexto social no qual, de fato, a escola seja a última e única saída para as crianças e adolescentes. No entanto, para desempenhar esse papel de prioritária importância na formação e no desenvolvimento dos jovens, a despeito das barreiras impostas pela sociedade e das dificuldades enfrentadas na família, é necessário que essa escola possua plena consciência do papel que irá exercer, seja capaz de reunir educadores com a capacidade não só de ministrar disciplinas, mas substituir, em certa medida, a figura do adulto que serve de referência para o indivíduo jovem, que consiga articular meios legítimos de inserir os alunos no ambiente social e profissional e, por fim, proporcionar aos jovens uma carga técnica e psicológica suficiente para que possam romper os primeiros momentos de vida após a escola, sem se deixar abater e voltar atrás, como se tudo o que fora construído na escola tenha sido perdido. A este conjunto de atos e consequências pode-se denominar projeto de vida.

Formare rumo ao futuro: como transformar os projetos de vida dos alunos em realidade

Ao se pensar na escola como a grande aliada do jovem na construção do projeto de vida, entendendo projeto de vida como o processo completo que leva em consideração os aspectos sócio-históricos do sujeito, passando pela elaboração de seus sonhos e chegando até a feitura de planos factíveis e, ao mesmo tempo, vistos pelo jovem como sua própria obra, foi vislumbrada a oportunidade de uma escola criada com fins específicos de atuar com adolescentes que vivem em condições socioeconômicas precárias e que está atrelada à iniciativa privada, portanto, dispõe de agilidade e autonomia para definir suas ações, complementar seu atual formato de trabalho para atuar com esse perfil de escola que pretende ser o vetor que conduz o jovem à construção do projeto de vida, mais do que simplesmente promover formação técnica e comportamental.

A escola pode ser um espaço de promoção de autonomia e cidadania, desde que reconheça quais são os fatores que interferem nos projetos de seus alunos. A escola possui um lugar central nos projetos, reproduzindo, muitas vezes sem intenção consciente, valores e imagens por meio de seu currículo e, principalmente, da relação entre professores e equipe educacional com os alunos (LEVENFUS; SOARES, 2010, p. 36).

Ao confrontarmos a história da Formare com a reflexão feita acerca do conceito de projeto de vida, é fácil perceber que ela já reúne muitas das condições que são entendidas como primordiais para desenvolver a ideia de projeto de vida, mas como atuar com mais ênfase na fase pós-escola? Quais são os meios que possibilitarão que o jovem continue na trajetória positiva iniciada na Formare quando estiver caminhando sozinho?

Para responder a essas questões, primeiramente foi entendido que é necessário visitar o paradigma da escolha profissional na adolescência, porque

[...] a crescente expectativa que incide sobre o adolescente acerca do seu futuro, sobretudo do que diz respeito à escolha profissional, acaba se caracterizando como um dispositivo sofisticado de preparação para o sequestro de seu corpo e, na contemporaneidade, também de sua subjetividade para o trabalho. Daí a expectativa excessiva das diferentes instituições para uma decisão rápida e certa por parte do adolescen-



te, que, quanto mais cedo for introduzido no mercado de trabalho, mais cedo poderá apresentar resultados, em termos de acúmulo de capital (MANSANO, 2003b, p. 38).

A partir dessa perspectiva, questiona-se não a importância da formação profissional e do debate em torno da escolha profissional na adolescência, e sim uma visão da sociedade que, ao exigir que seus adolescentes façam escolhas profissionais a qualquer custo e sob condições escassas de oportunidades nas universidades públicas e no mercado de trabalho, que uma vez feita a escolha não se pode mais voltar atrás. Esse contexto imprime no jovem uma pressão excessiva para escolher certo, e mais, aceitar que uma vez escolhido, passe a ser, de certa forma, escravo da sua decisão, o que causa angústia e desesperança no sujeito, sobretudo se no decorrer do tempo houver a observância de que a escolha foi incorreta ou que precisa ser ajustada. “Quando a ação das forças sobre a profissão não é considerada, corre-se o risco de interpretar as mudanças de trajetória como um erro ou fracasso na escolha” (MANSANO, 2003b, p. 69). O que se pretende refletir, nesse caso, é que o jovem precisa ser preparado e capacitado para saber escolher, e não para ser refém de uma única e decisiva escolha, porque “[...] o vínculo com a profissão envolve um processo incessante de construção e de desconstrução subjetiva” (MANSANO, 2003b, p. 69).

Quando se observa um projeto social como a escola Formare, tem-se como objetivo, primeiro, tirar os adolescentes da condição de vulnerabilidade extrema e inseri-los no convívio social, com chances, minimamente, de ocupar com dignidade um espaço no mercado de trabalho e na sociedade. Partindo dessa premissa, são oferecidos cursos com temáticas preestabelecidas, que surgem na análise do mercado de trabalho local, com a finalidade de suprir as necessidades desse mercado, mas, sobretudo, de aumentar as possibilidades de o aluno ingressar, após o término do curso, no mundo profissional, garantindo renda e, por consequência, a perpetuação do seu desenvolvimento dentro da sociedade, quer por meio da percepção de aceitação social que advém da posição de inclusão no mercado de trabalho, também pela possibilidade de participar do mundo dos bens de consumo, o que representa igualdade de condições. Além disso, o jovem pode almejar uma universidade privada ou outro curso de especialização que o leve para patamares profissionais que tragam para ele a ampliação das possibilidades profissionais futuras.

Esse formato demonstra uma estrutura robusta, que prevê situações sinérgicas, as quais, sem dúvida, trarão bons resultados para o jovem participante do projeto. No entanto, destaca-se aqui que o adolescente não escolhe o tema do curso, logo todos os fatores de inserção social são fundamentais dentro desta escola, mas não se pode afirmar que todos os jovens se identi-

• • • • •
**O jovem
 precisa ser
 preparado e
 capacitado
 para saber
 escolher**
 • • • • •

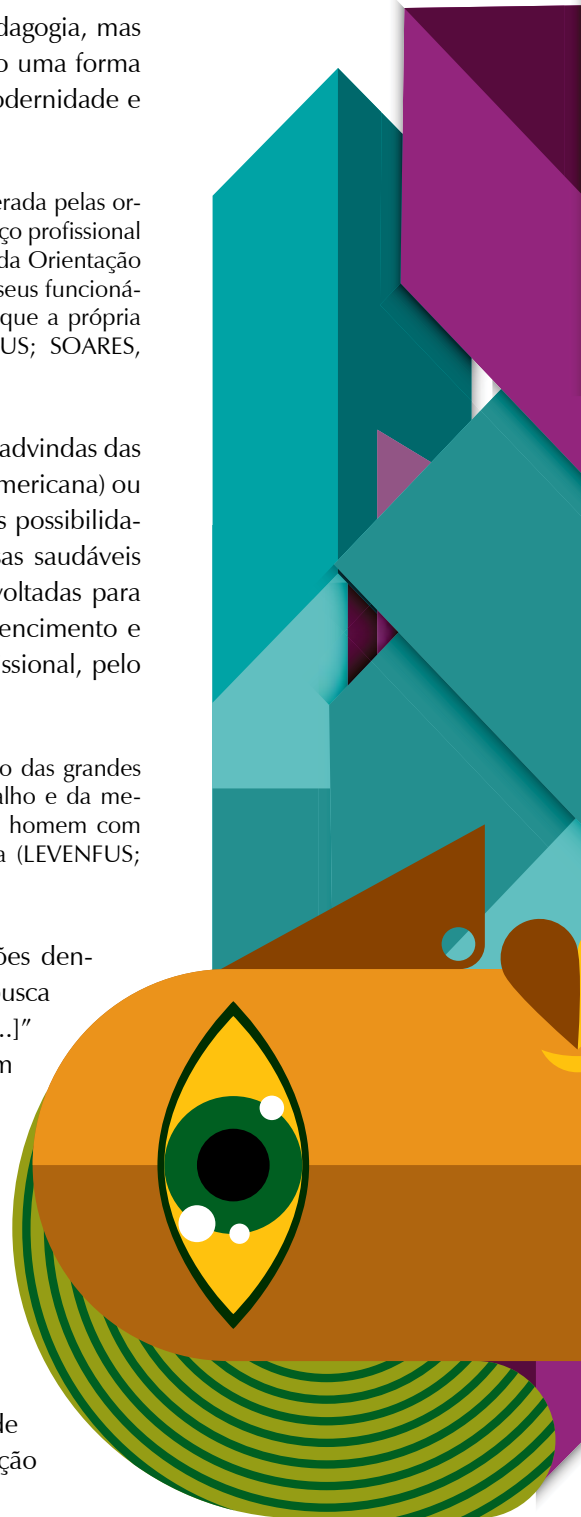
ficarão com o foco técnico proposto pela turma da qual ele faz parte. Dessa forma, a inclusão da atividade de Orientação Profissional foi vista como um instrumento potencial para trabalhar com os jovens, paralelamente ao tema central que é trabalhado no curso. A Orientação Profissional é uma ramificação da educação trabalhada pela Psicologia e pela Pedagogia, mas que cada vez mais passa a ser observada pelas empresas como uma forma contemporânea de enfrentar os desafios impostos pela pós-modernidade e as gerações que estão por vir.

A Orientação Profissional começa a ser considerada pelas organizações como um modo de upgrade do espaço profissional na instituição. Isto é, as empresas lançam mão da Orientação Profissional para desenvolver metas tanto para seus funcionários quanto para a própria empresa, a fim de que a própria instituição se fortaleça no mercado (LEVENFUS; SOARES, 2003, p. 21).

É imprescindível que as empresas estejam atentas às mudanças advindas das inovações tecnológicas, da globalização (na perspectiva norte-americana) ou da mundialização (na perspectiva francesa) e das intermináveis possibilidades das redes sociais, para que seja viável manter as empresas saudáveis e as pessoas realizadas, o que envolve atualmente questões voltadas para a sustentabilidade, o altruísmo, a autonomia, o senso de pertencimento e o prazer, elementos que não são mais separados da vida profissional, pelo contrário, são parte totalmente integrada a ela.

A desconstrução do mercado de trabalho, fruto das grandes mudanças ocorridas nas organizações do trabalho e da mecanização, altera profundamente a relação do homem com o próprio trabalho e com seu projeto de vida (LEVENFUS; SOARES, 2003, p. 20).

Dessa forma, foi pensado o trabalho em duas novas dimensões dentro da Formare: a perspectiva da Análise Institucional, que busca “Acolher a dimensão transformadora da vida em sociedade [...]” (MANSANO, 2003a, p.156), por meio da qual os jovens podem desenvolver a capacidade crítica e de manifestação de suas experiências e ideias, o que dará subsídios para esse sujeito enfrentar situações de mudança ao longo da vida de forma madura, com capacidade de autocrítica e tomada de decisão; bem como a Orientação Profissional, que tem como objetivo elucidar, para o jovem, as diversas possibilidades de atuação, por meio da apresentação adequada de todos os segmentos e seus desdobramentos, além de desenvolver o autoconhecimento que “[...] é trabalhado não simplesmente como identificação de aptidões, interesses e características de personalidade [...]”, mas visa “[...] fundamentalmente, ultrapassar a identificação



desses aspectos pessoais e buscar a gênese do aparecimento de tais características” (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2015, p. 218).

A Orientação Profissional, também chamada por diferentes linhas da Psicologia, em diferentes países e em tempos diferentes, de Orientação Vocacional ou Orientação Ocupacional, confere grandes similaridades. Neste estudo, ressalta-se “[...] claramente que os objetivos da informação ocupacional são duplos. Por um lado, transmitir informação, mas, por outro, simultaneamente, corrigir as imagens distorcidas que o adolescente já possui sobre o mundo adulto” (BOHOSLAVSKY, 2015, p. 142).

Enquanto que à Análise Institucional “[...] cabe considerar que a desqualificação dos saberes e dos discursos encontra-se presente em um conjunto extenso de instituições e se difunde a partir daí para o cotidiano da vida em sociedade” (MANSANO, 2003a, p.159), o estímulo para que o jovem procure entender sobre o mundo e sobre si mesmo de forma crítica e equilibrada é imprescindível para encontrar seu espaço na sociedade, e mais que isso, contribuir com ela para que se torne mais reflexiva e menos mecanicista e, quiçá um dia, menos desigual.

Considerações finais

Passando dos 20 anos de existência, a Formare demonstra, pelos resultados alcançados e pela percepção das pessoas envolvidas, que é um exemplo positivo de projeto social no qual a iniciativa privada toma para si a responsabilidade do comprometimento com o futuro, olhando para dentro das empresas como organizações, de fato, constituídas por pessoas. É possível identificar, neste caso, o compartilhamento de ganhos reais por parte da comunidade e da empresa, onde ora o jovem carente é visto como comunidade, ora, momento posterior, pode ser visto como empresa. O voluntário que ora é empresa não deixa de ser comunidade; é a empresa que aparece como beneficiadora, pois percebe que sem o desenvolvimento da comunidade, seu próprio futuro pode ser ameaçado. Dessa maneira, evidencia-se a interação legítima e a capacidade poderosa que esse ambiente de colaboração mútua pode proporcionar para toda a sociedade.

Entretanto, o país é sedento por esse tipo de iniciativa que, apesar de significativa, ainda é pequena frente ao tamanho da necessidade, mas a ampliação é uma meta constante da entidade responsável pelo programa. Daí nasce o desejo de aprimorar as práticas atuais para alcançar resultados ainda mais expressivos e que atraiam mais interesse da iniciativa privada e também do poder público, afinal nada impede que este seja o embrião de um programa de política social estadual ou federal no futuro.

Assim, o caminho a ser trilhado passará pela atividade da Orientação Profissional e pela perspectiva da Análise Institucional, com o propósito de ir além da formação técnica e comportamental e da inserção no mercado de trabalho. A proposta, agora, é a construção do projeto de vida, aquele que acompanhará o sujeito por toda a sua trajetória e permitirá que, independentemente das adversidades da vida, haja condições de entender cada nova situação e posicionar-se perante ela, com a capacidade de fazer escolhas conscientes e responsáveis, buscando, com isso, transformar-se juntamente com as transformações do mundo em que vive, extraindo o melhor de si a cada nova fase da vida.

Nota

¹Os dados sobre a Fundação lochpe e sobre a Formare foram cedidos pela Coordenação da Formare (Cruzeiro, SP) em junho de 2016.

Referências

- BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. 13. ed. São Paulo: M. Fontes, 2015.
- COLLA, Carlos; GILSON. **Verdade chinesa**. Intérprete: Emilio Santiago. 1990. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/emilio-santiago/verdade-chinesa.html>>. Acesso em: 21 set. 2016.
- LEVENFUS, Rosane Schotgues; SOARES, Dulce Helena Penna. **Orientação vocacional ocupacional**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- MANSANO, Sonia Regina Vargas. Análise institucional: relato de uma experiência com jovens. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 14, p. 155-160, dez. 2003a.
- MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Vida e profissão: cartografando trajetórias**. São Paulo: Summus, 2003b.
- SOARES, Dulce Helena Penna. **A escolha profissional do jovem ao adulto**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2002.



